

A posse e o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação entre jovens universitários: uma análise a partir da perspectiva de gênero¹

Property and use of Information and Communication Technologies among university students: a gender perspective analysis

Joyce Keli do Nascimento Silva²

Neide Maria de Almeida Pinto³

Ana Louise de Carvalho Fiúza⁴

Resumo: O artigo analisa uma particularidade dentre tantas as que compõem o amplo espectro dos usuários das TICs: a sua faceta de gênero, em uma amostra composta por 85 estudantes universitários, submetidos a um *survey*, de caráter *cross-sectional*. Os resultados revelaram que, em geral, não existem diferenças de gênero estatisticamente significativas no acesso, no grau de dificuldade e nos usos das TICs, indicando uma tendência de aproximação nos padrões comportamentais dos jovens. Todavia, observou-se algumas diferenças de gênero pontuais, como nas compras *online* e nas competências de configuração. O estudo contribui com subsídios para análises futuras da relação entre gênero e posse/uso das TICs, indicando maior igualdade, apesar da genderização de algumas práticas.

Palavras-Chave: TICs. Jovens Adultos. Gênero. Acesso. Barreiras.

Abstract: The article analyzes a particularity among so many that make up the broad spectrum of ICT users: its gender aspect, in a sample of 85 university students, submitted to a cross-sectional survey. The results revealed that, in general, there are no statistically significant gender differences in access, in the degree of difficulty and in the uses of ICTs, indicating a tendency of approximation in the behavioral patterns of young people. However, some specific gender differences were observed, such as online shopping and configuration skills. The study contributes with subsidies for future analyzes of the relationship between gender and ICT ownership/use, indicating greater equality, despite the genderization of some practices.

Keywords: ICTs. Young Adults. Gender. Access. Barriers.

¹ Este artigo é parte dos resultados da pesquisa *Os Usos das TICs sob uma perspectiva de gênero e geração*, desenvolvida com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), cujo aporte agradecemos.

² Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, com Estágio Pós-doutoral realizado no Programa de Pós-graduação em Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa - UFV. ORCID: [0000-0002-8694-8323](https://orcid.org/0000-0002-8694-8323), E-mail: joycekelinascimento@gmail.com.

³ Doutora em Ciências Sociais, Professora titular do Departamento de Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa - UFV. ORCID: [0000-0002-8713-5471](https://orcid.org/0000-0002-8713-5471), E-mail: nalmeidapinto@gmail.com.

⁴ Doutora em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, Professora titular do Departamento de Economia Rural da Universidade Federal de Viçosa - UFV. ORCID: [0000-0002-3898-1583](https://orcid.org/0000-0002-3898-1583), e-mail: louisefiuza@gmail.com.



A posse e o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação entre jovens universitários: uma análise a partir da perspectiva de gênero

Joyce Keli do Nascimento Silva, Neide Maria de Almeida Pinto & Ana Louise de Carvalho Fiúza

Introdução

Os estudos sobre a posse e o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) no Brasil e no mundo registram a existência de diferenças significativas entre homens e mulheres. Esse fenômeno é chamado de divisão digital de gênero e se associa à existência de obstáculos econômicos, políticos, sociais e culturais que dificultam que as mulheres acessem, usem e se beneficiem dos avanços tecnológicos. Embora análises recentes apontem para uma tendência de diminuição das desigualdades na posse de tecnologias entre mulheres e homens jovens, ainda persiste a estratificação social entre seus utilizadores (CASTELLS, 2005), repercutindo nas formas de uso e apropriação das TICs.

Segundo Azevedo & Seixas (2011), aspectos macrossociais relacionados ao grau de desenvolvimento ou urbanização de um país ou de uma região, bem como aspectos associados às condições socioeconômicas dos indivíduos, tais como a sua ocupação, o grau de escolaridade, o nível de alfabetização tecnológica, a existência ou não de filhos, assim como as questões de gênero podem afetar a posse e o uso das TICs. Segundo dados das Nações Unidas (UNCTAD, 2017), a chamada divisão digital de gênero é mais pronunciada em países em desenvolvimento, sendo influenciada para além dos fatores socioculturais, pela baixa penetração e qualidade da banda larga, pelo custo dos serviços de *internet* e dos equipamentos eletrônicos. A OCDE (2018) destaca, ainda, que as mulheres também estão subrepresentadas nos empregos especializados, nos cargos de administração e nas carreiras acadêmicas em TICs. Assim, embora as estatísticas oficiais e as pesquisas acadêmicas registrem uma tendência de crescimento do acesso às tecnologias nas últimas décadas, o acesso universal ainda não é uma realidade.

No Brasil, segundo Coutinho & Menandro (2016), apesar dos avanços e conquistas alcançadas pelas mulheres, estas ainda não foram suficientes para alterar o vínculo das mulheres à esfera da reprodução e a papéis sociais subalternos. Esses aspectos justificam a investigação da posse e do uso das tecnologias sob a perspectiva de



A posse e o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação entre jovens universitários: uma análise a partir da perspectiva de gênero

Joyce Keli do Nascimento Silva, Neide Maria de Almeida Pinto & Ana Louise de Carvalho Fiúza

gênero. Mas teria tal situação se alterado entre os jovens? Visando responder essa questão, a presente pesquisa foi realizada com estudantes entre 18 e 29 anos da Universidade Federal de Viçosa (UFV), instituição pública do interior de Minas Gerais. A escolha dos sujeitos da pesquisa, os jovens, justifica-se pelo fato de que eles são os maiores consumidores das TICs na sociedade contemporânea, condição que vem sendo reconhecida como um fator determinante na construção social do “ser jovem” e da juventude (REIS; JESUS, 2014).

Neste sentido, a universidade representa um espaço privilegiado em relação à competência digital, ampliando o uso das tecnologias para além do meramente instrumental (BORDAS-BELTRÁN; ARRAS-VOTA, 2018). Além disso, o contexto de uma universidade pública potencializa a agregação de pessoas de diferentes níveis socioeconômicos, variadas experiências familiares e culturais. Assim, buscou-se analisar a posse, a apropriação e o uso das TICs entre os estudantes da UFV, bem como as peculiaridades culturais que podem perpassar o seu uso no contexto de um município de médio porte do interior de Minas Gerais. Haveria neste contexto interiorano especificidades culturais associadas à posse e ao uso de TICs por parte dos jovens universitários?

O artigo apresenta, inicialmente, os resultados de outros estudos que investigaram as desigualdades de gênero e as barreiras ao acesso à posse e uso das TICs. Em seguida são apresentados e discutidos os resultados da presente pesquisa, que buscaram cruzar variáveis socioeconômicas, como gênero, renda, faixa etária e escolaridade com os padrões comportamentais de uso das TICs, por parte de jovens estudantes universitários de ambos os sexos.

As desigualdades e barreiras de acesso à posse e ao uso das TICs entre Homens e Mulheres

Dentre as perspectivas teóricas presentes nos estudos sobre o significado social da tecnologia, adotou-se aquela que reconhece o condicionamento recíproco entre a



A posse e o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação entre jovens universitários: uma análise a partir da perspectiva de gênero

Joyce Keli do Nascimento Silva, Neide Maria de Almeida Pinto & Ana Louise de Carvalho Fiúza

tecnologia e a sociedade, buscando superar o determinismo tecnológico (SIMÕES, 2005). Nesse sentido, a concepção social da tecnologia afasta a ideia de neutralidade e considera como relevante a análise sobre os modos, as finalidades, as condições e os resultados do processo de geração e adoção da tecnologia (SIMÕES; LAS HERAS; AUGUSTO, 2011). Desta forma, no que se refere particularmente ao modo como se configura o uso e, especialmente, a apropriação diferencial das tecnologias, questões como os estereótipos de gênero (SCHOUTEN *et al.*; 2012) são evidenciados no que diz respeito à exclusão digital.

Refletindo sobre as causas da exclusão digital, Van Dijk (2012) considera as barreiras à posse e uso das TICs a partir de um conceito relacional e multifacetado de acesso, definindo quatro tipos de barreiras. As *barreiras de acesso físico ou material* se relacionam aos custos das TICs e às diferenças estruturais entre países, entre regiões de um mesmo país, entre o espaço rural e o urbano, entre bairros centrais e periféricos, etc., e afetam especialmente as mulheres. Segundo dados do IBGE (2018a), as brasileiras continuam recebendo menos que os homens, mesmo quando elas possuem formação em nível superior. Isso está relacionado à divisão sexual do trabalho, que influencia a diferenciação de papéis entre os sexos (TEIXEIRA, 2008). A desigualdade de renda entre os gêneros é um fator evidente nas limitações de acesso físico e material às TICs para as mulheres, que dispõem de poucos recursos para aquisição de equipamentos com custos mais elevados e para contratação de serviços.

As *barreiras de acesso motivacional* são caracterizadas pela ausência de experiência digital elementar, relacionada à falta de interesse nas novas tecnologias ou à pouca atratividade delas para o usuário, bem como à *tecnofobia*. Em geral, elas não são consideradas em investigações sobre jovens e tecnologias, uma vez que eles são frequentemente apontados como “nativos digitais”, ou seja, indivíduos pertencentes a uma geração que naturalizou o uso das TICs ao longo de sua socialização e que as empregam no cotidiano com confiança e destreza (GONDIM, 2018). No entanto, existem estudos que investigaram a existência de barreiras motivacionais no acesso às TICs entre



A posse e o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação entre jovens universitários: uma análise a partir da perspectiva de gênero

Joyce Keli do Nascimento Silva, Neide Maria de Almeida Pinto & Ana Louise de Carvalho Fiúza

os gêneros, identificando-as inclusive entre usuários jovens. Estes estudos apontam que, em geral, as mulheres têm atitudes mais negativas e tendem a abordar a tecnologia com mais ansiedade, medo, dúvida e apreensão do que os homens (BAIN; RICE, 2006). Segundo Walsh & Mitchell (2005), as consumidoras mulheres têm maior probabilidade de avaliar negativamente as novas tecnologias. E, por fim, elas são apontadas como mais cautelosas na adoção de produtos tecnológicos (NDUBISI, 2006). Brosnan (2003) destaca que as diferenças entre homens e mulheres nos níveis de *tecnofobia*, nas percepções sobre as TICs e na inserção em carreiras relacionadas à ciência e tecnologia sofrem influências culturais e dos papéis sociais de gênero presentes em cada sociedade. Schouten *et al.* (2012) acrescentam que a idade e o grau de escolaridade também são variáveis determinantes de barreiras de acesso motivacional entre os gêneros. Nesse sentido, no Brasil, as pesquisas de Diniz & Olinto (2006) e Escosteguy, Sifuentes & Bianchini (2017) observaram diferenças entre os gêneros quanto à confiança para utilização das tecnologias.

As barreiras de acesso às habilidades ou competências necessárias para o uso se relacionam à ausência do conhecimento necessário para operação de hardwares e softwares, bem como à capacidade de pesquisar, selecionar e processar informações de múltiplas fontes, que podem ser causadas pela educação inadequada ou pela falta de apoio social (VAN DIJK, 2012). Schouten et al. (2012) acrescentam que as pessoas mais jovens e com maior escolaridade tendem a apresentar maior domínio de competências tecnológicas. Já as pesquisas sobre a existência de desigualdades de gênero nas competências para uso das TICs têm reportado resultados variados, conforme o contexto em que são realizadas. Almenara & Cejudo (2009), por exemplo, observaram entre jovens estudantes do País Basco e da Galícia que os homens se consideram mais competentes no uso das TICs do que as mulheres. Já Bordas-Beltrán & Arras-Vota (2018), observaram que jovens universitárias mexicanas demonstraram uma percepção mais favorável e um nível mais elevado de desenvolvimento nas competências tecnológicas do que a contraparte masculina. Esses resultados, referendam a conclusão



A posse e o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação entre jovens universitários: uma análise a partir da perspectiva de gênero

Joyce Keli do Nascimento Silva, Neide Maria de Almeida Pinto & Ana Louise de Carvalho Fiúza

de Schouten *et al.* (2012) que apontam que competências diferenciadas, produzem e aprofundam as desigualdades de uso das tecnologias entre os gêneros.

E, por fim, as *barreiras de acesso ao uso* das TICs se relacionam à existência de oportunidades insuficientes para uso socialmente relevante ou a distribuição desigual dessas oportunidades (VAN DIJK, 2012). Destaca-se que, apesar de estatísticas e pesquisas recentes apontarem para a existência de uma tendência de massificação da posse dos equipamentos tecnológicos, o uso dos mesmos é cada vez mais genderizado, impactando nas oportunidades de uso para homens e mulheres (SCHOUTEN *et al.*, 2012). No Brasil, Maciel (2015) em pesquisa com adolescentes e adultos jovens, observou diferenças de gênero no uso do computador e da *internet*, prevalecendo entre as mulheres o uso voltado para o desenvolvimento de tarefas ligadas a papéis tradicionalmente femininos e para a educação; enquanto, entre os homens, o seu uso foi associado à busca por trabalho, por informações sobre gestão financeira e em tarefas que demandam independência e iniciativa. Também nesse sentido, Leite & Guimarães (2015), discutem as implicações das novas TICs sobre o trabalho e as desigualdades causadas pela divisão sexual do trabalho social, que segregam as mulheres em atividades menos qualificadas, com pouco conteúdo tecnológico, este normalmente concebido e manejado por homens, além de baixa remuneração e poucas possibilidades de ascensão a cargos de chefia na carreira.

Embora tenham surgido análises recentes que apontam que na maioria dos países o gênero desempenha um papel limitado na explicação das diferenças no acesso às tecnologias, como *smartphones*, *internet* e mídias sociais, pois homens e mulheres, especialmente os mais jovens e mais instruídos, as utilizam em taxas semelhantes (SILVER, 2019), as conclusões das pesquisas citadas anteriormente indicam a persistência da divisão digital de gênero na capacidade de aquisição de equipamentos e serviços tecnológicos devido à desigualdade de renda, bem como da genderização das atitudes, competências e tipos de uso das TICs (SCHOUTEN *et al.*; 2012), fato que



A posse e o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação entre jovens universitários: uma análise a partir da perspectiva de gênero

Joyce Keli do Nascimento Silva, Neide Maria de Almeida Pinto & Ana Louise de Carvalho Fiúza

motivou a realização desta investigação na busca por uma melhor compreensão dessa problemática.

Procedimentos Metodológicos

Esta pesquisa pode ser categorizada como de caráter descritivo-explicativo, pois buscou tanto descrever a posse e o uso das TICs entre jovens estudantes da UFV, como, também, compreender os mecanismos através dos quais a apropriação e o uso das mesmas se efetivaram. Adotou-se uma amostragem probabilística da população de estudantes do *campus* de Viçosa, Minas Gerais⁵. A investigação teve um caráter *cross-sectional* e foi realizada no período entre julho de 2018 e maio de 2019, com a realização de um *survey* com 85 estudantes selecionados através de sorteio. Os dados obtidos foram tabulados e submetidos à análise estatística no programa *SPSS (Statistical Package for the Social Sciences)*, utilizado basicamente para análises cruzadas entre variáveis e para testes de hipóteses, buscando verificar a associação entre a variável “sexo” e a posse, os usos, o grau de dificuldade e as competências digitais na utilização das tecnologias.

O primeiro objetivo foi analisar a posse das TICs sob a perspectiva de gênero, como em Schouten *et al.* (2012). Buscamos responder ao seguinte questionamento: “O sexo está associado a diferenças na posse das TICs?”. Para caracterizar a posse, o *survey* levantou dados sobre a propriedade das TICs através de questão que listou tanto as tecnologias tradicionais (telefone fixo, a televisão e o computador de mesa), quanto as mais novas (celular, a *internet*, o *notebook* e o *tablet*). Para testar se havia relação de dependência entre a posse das TICs e o sexo foi realizado o teste “Exato de Fisher”.

O segundo objetivo foi analisar a apropriação das TICs sob a perspectiva de gênero, buscando identificar diferenças na percepção sobre o grau de dificuldade (BAIN;

⁵ Segundo o Registro Escolar da UFV, no momento da amostragem a instituição contava com 10.720 estudantes de graduação. O tamanho mínimo da amostra foi calculado conforme a proposta de Bolfarine & Bussab (2005), sendo inicialmente igual a 68 questionários, com nível de confiança de 90% e margem de erro de 10%.



A posse e o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação entre jovens universitários: uma análise a partir da perspectiva de gênero

Joyce Keli do Nascimento Silva, Neide Maria de Almeida Pinto & Ana Louise de Carvalho Fiúza

RICE, 2006) e sobre o nível de competência no seu uso (CEJUDO, 2009; BORDAS-BELTRÁN; ARRAS-VOTA; 2018). Foram dois os questionamentos que guiaram a análise: 1) “O sexo tem efeito sobre a autopercepção do grau de dificuldade no uso das TICs?” e 2) “O sexo tem efeito sobre a autopercepção a respeito do nível de competências digitais?”. A pesquisa utilizou escalas para levantar informações sobre a percepção dos entrevistados acerca do grau de dificuldade e do nível de competência na utilização das tecnologias. E para testar o efeito da variável “sexo” foi utilizado o teste *U de Mann-Whitney*.

O terceiro e último objetivo foi analisar os usos das TICs sob a perspectiva de gênero, buscando identificar a existência de diferenças (MACIEL, 2015; LEITE; GUIMARÃES, 2015). As análises enfocaram a questão: “O sexo está associado às práticas realizadas através do celular e do computador, conectados à *internet*?”. Para identificação dos diferentes usos, os entrevistados foram questionados sobre quais práticas desenvolveram através do celular e do computador conectados à *internet*. O teste *Qui-quadrado de Pearson* foi utilizado para verificar se havia relação de dependência entre o “sexo” e as práticas com as TICs.

O *survey* também contou com itens voltados para a caracterização do perfil socioeconômico dos jovens universitários entrevistados e para a identificação da existência de padrões diferenciados de posse e uso das TICs em função das variáveis: idade, renda e escolaridade. A amostragem foi composta por (58,8%) de mulheres e (41,2%) de homens, em sua maioria com idade entre 18 e 24 anos (83,5%).

Resultados e discussões

Entre os estudantes entrevistados, as mulheres apresentaram menor renda que os homens: 88% delas tinha renda individual de até 01 Salário Mínimo (SM) e apenas 12% tinha renda entre 1 e 3 SM, enquanto entre eles 68,6% tinha renda até 1 SM e 31,4% tinha renda entre 1 e 3 SM. No que diz respeito à renda familiar da maioria dos estudantes de ambos os sexos esta se situava entre 2 e 5 SM (51,8%). Ou seja, mesmo na



A posse e o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação entre jovens universitários: uma análise a partir da perspectiva de gênero

Joyce Keli do Nascimento Silva, Neide Maria de Almeida Pinto & Ana Louise de Carvalho Fiúza

condição de estudantes a renda destes universitários consubstanciava de forma significativa a renda da família.

A preferência dos jovens por equipamentos portáteis, que proporcionam maior autonomia, mobilidade e rapidez na gestão do cotidiano, ficou evidenciada no acesso significativo às novas TICs, especialmente o celular, o *notebook* e a *internet*. Os dados apontaram para um acesso maciço (acima de 90%) dos jovens universitários a essas tecnologias. No entanto, quando foram consideradas as tecnologias mais tradicionais, os dados mostram percentuais bem menos expressivos, como no caso do telefone fixo (12,9%) e do computador de mesa (17,6%). No caso da televisão, apesar do percentual expressivo (próximo a 80%), o estudo registrou uma tendência de substituição desse aparelho pelo *notebook* em práticas relacionadas ao entretenimento, uma vez que este artefato permite relativo acesso à programação televisiva via serviços de *streaming*, bem como a músicas via rádios *online* e a vídeos em canais do *YouTube*.

A geração dos entrevistados, culturalmente inserida na era da informação, adere com maior naturalidade às tecnologias, especialmente o *smartphone* que, devido à convergência digital, confere maior praticidade às suas vidas cotidianas (SOUZA, 2019). A posse massificada do celular (100%) e da *internet* (97,6%) no grupo aponta que a renda não constitui uma barreira para o acesso a estes artefatos tecnológicos entre os estudantes pesquisados. Tal resultado pode estar associado à recente popularização dessas tecnologias que vêm substituindo os equipamentos mais antigos, inclusive nos estratos de renda mais baixos. De outro lado, ele pode também ser explicado pelos esforços do governo federal entre os anos de 2005 e 2018, a partir de Programas de Inclusão Digital⁶, bem como pelas iniciativas do setor privado para o barateamento dos custos de equipamentos eletrônicos, como os *smartphones*, e para a redução dos custos da *internet* (COSTA, 2018). Tais esforços podem ter contribuído para o crescimento do uso de dispositivos móveis como principal forma de acesso à *internet* em todas as classes

⁶ Entre os anos de 2005 a 2018, o governo federal promoveu o Programa de Inclusão Digital que se baseou na isenção de tributos (PIS/Cofins) sobre a venda no varejo de produtos eletrônicos.



A posse e o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação entre jovens universitários: uma análise a partir da perspectiva de gênero

Joyce Keli do Nascimento Silva, Neide Maria de Almeida Pinto & Ana Louise de Carvalho Fiúza

sociais (IBGE, 2018b). No grupo, os principais locais de conexão com a rede são a universidade (95,3%) e a residência (92,9%), via *wifi*. E 83,5% dos estudantes declararam se conectar à rede através do celular, principalmente via *wifi* (40,0%) e banda larga móvel limitada (35,3%).⁷

Há que se ponderar, entretanto, que o barateamento dos custos destes equipamentos pode vir acompanhado por produtos e serviços de menor qualidade. No Brasil, esse aspecto pode ser exemplificado pela oferta de *internet* com velocidades mais baixas, como forma de garantir preços acessíveis para toda a população (ITU, 2018). Sobre isso, o Relatório Medindo a Sociedade da Informação da União Internacional das Telecomunicações (ITU, 2018) alerta para o surgimento de um novo tipo de divisão digital que difere aqueles que têm acesso à *internet* banda larga de alta velocidade, presente nos países mais ricos, daqueles com acesso de baixa velocidade, como é o caso de muitos países em desenvolvimento, como o Brasil.

Todavia, a renda continua sendo um condicionante da posse de determinados recursos tecnológicos, especialmente, daqueles que demandam maior investimento econômico, como é o caso do *tablet* e do telefone fixo. Os limites na renda também demandaram a realização de escolhas na aquisição dos equipamentos, que nesse caso restringiu o acesso das mulheres. De acordo com os dados da pesquisa, a posse do *tablet* esteve associada aos estudantes do sexo masculino com renda individual maior que um salário mínimo. Já a posse do telefone fixo esteve associada às estudantes do sexo feminino com renda individual superior a um salário mínimo ($p < 0,05$) e que são minoria entre as entrevistadas (12%). Entretanto, a posse dos artefatos deve ser percebida na correlação com outras variáveis. Como já apontado aqui, a posse do telefone fixo está fortemente relacionada ao componente geracional. Nas gerações mais jovens existe também uma forte tendência de substituição deste artefato por outros mais modernos e que cumprem funções similares, como o celular. Segundo Pompeu & Sato

⁷ Esse dado acompanha pesquisa sobre o consumo midiático na Zona da Mata mineira, que destacou a posição de destaque do celular como o suporte midiático mais utilizado para acessar a *internet* na região, sendo a segunda posição ocupada pelo computador (FRAGA *et al.*, 2015).



A posse e o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação entre jovens universitários: uma análise a partir da perspectiva de gênero

Joyce Keli do Nascimento Silva, Neide Maria de Almeida Pinto & Ana Louise de Carvalho Fiúza

(2017, p. 45), essa tendência pode ser explicada pela forte associação entre os jovens e as novas tecnologias na sociedade em rede e na *cibercultura*. Os autores destacam, ainda, que o consumo dos mais novos recursos digitais assume um sentido simbólico de integração ao futuro. Assim, o discurso midiático, fortemente direcionado aos jovens, postula que “[...] só se pode permanecer ativo, atraente e integrado se assim forem também as tecnologias que você compra, usa, ostenta e descarta”. Os autores acrescentam que, em um contexto marcado pela constante inovação tecnológica, o discurso midiático dissemina o entendimento dos jovens como os principais adeptos das novidades tecnológicas e detentores das habilidades necessárias para utilizá-las conforme seus interesses. Esse entendimento coloca os jovens em uma posição de superioridade em comparação às gerações anteriores e os elege como disseminadores de novos hábitos e comportamentos para outras faixas etárias. Desta forma, a veiculação das novas tecnologias como um símbolo da modernidade e da juventude serve para influenciar e acelerar sua adoção por um público mais amplo.

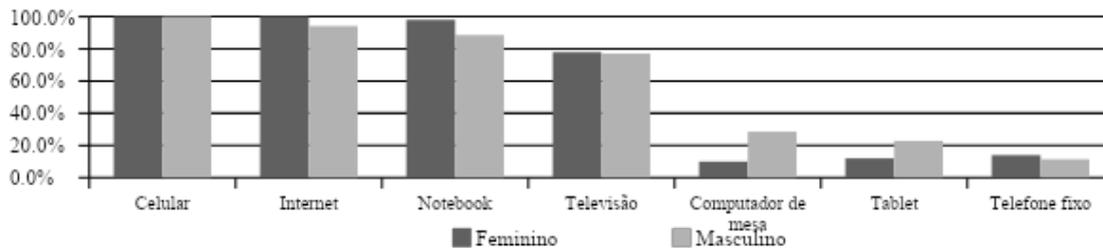
A análise da posse a partir da variável gênero nos permitiu perceber a tendência de equalização da propriedade das novas tecnologias entre homens e mulheres (gráfico 1). De forma geral, os resultados do *Teste Exato de Fisher* ($p < 0,05$) demonstraram que a divisão digital de gênero não faz parte da realidade dos jovens universitários entrevistados quando considerado o acesso à maior parte das TICs. A posse do celular não apresentou diferenças quanto ao gênero e os percentuais de posse da *internet* e do *notebook* também foram próximos, sendo que o *Teste Exato de Fisher* mostrou que a pequena vantagem das mulheres, na comparação com os homens, no acesso à *internet* (100% contra 94,3%) e na posse do *notebook* (98% contra 86,6%) não é estatisticamente relevante. Na verdade, os dados corroboram as pesquisas que apontam que nas Américas (OCDE, 2018) e no Brasil (IBGE, 2018a; 2018b) a proporção de mulheres que tem acesso a essas tecnologias, em geral, é maior que a dos homens.



A posse e o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação entre jovens universitários: uma análise a partir da perspectiva de gênero

Joyce Keli do Nascimento Silva, Neide Maria de Almeida Pinto & Ana Louise de Carvalho Fiúza

Gráfico 1 – Posse de TICs, conforme o gênero (%).



Fonte: Banco de dados da pesquisa, gráfico construído no *software* Excel (2019).

No entanto, o simples acesso às tecnologias e às redes digitais não elimina a existência de barreiras às oportunidades para seu uso e apropriação, pois as limitações não são meramente físicas e econômicas, tal como observaram Schouten *et al.* (2012). No tocante às diferenças de gênero no grau de dificuldade e nas competências tecnológicas vimos que as conclusões dos estudos são variadas. Os dados obtidos na presente pesquisa se coadunam com os resultados encontrados em estudos, como o de Christoph *et al.* (2015), segundo os quais não há diferenças estatisticamente significativas entre homens e mulheres no grau de dificuldade e no nível das competências digitais básicas⁸. A grande maioria dos respondentes de ambos os sexos considerou “muito fácil” ou “fácil” o uso das tecnologias, registrando percentuais acima de 90% em todos os equipamentos pesquisados. Como “nativos digitais”, os jovens entre 18 e 29 anos, cresceram ao mesmo tempo em que se disseminavam as novas tecnologias, internalizando seus usos e competências, motivo pelo qual têm um acesso mais intenso a elas e integram a geração com maior experiência e literacia digital (ROBERTO; FIDALGO; BUCKINGHAM, 2015).

Entre as jovens universitárias, o uso intenso e generalizado de aparatos tecnológicos contribui para o reforço e ampliação do conhecimento digital que possuem e, por sua vez, para uma percepção mais favorável sobre a facilidade no manuseio desses artefatos tecnológicos (SCHOUTEN *et al.*, 2012). Além disso, fatores como renda e

⁸ O teste não paramétrico *U de Mann-Whitney* mostrou que, em geral, o gênero dos entrevistados não tem efeito sobre a autopercepção do grau de dificuldade no uso das TICs ($p > 0,05$).



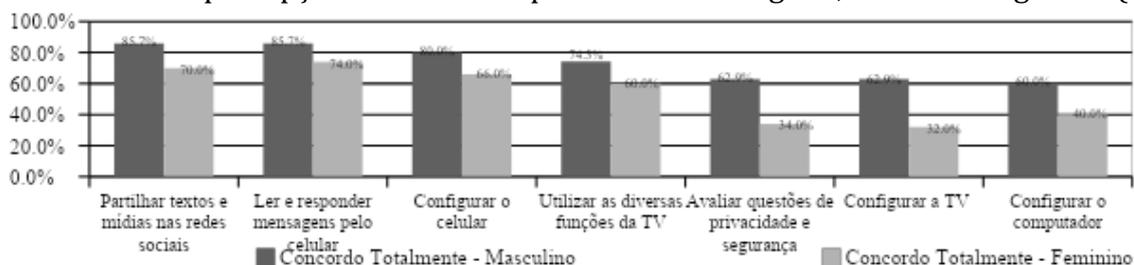
A posse e o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação entre jovens universitários: uma análise a partir da perspectiva de gênero

Joyce Keli do Nascimento Silva, Neide Maria de Almeida Pinto & Ana Louise de Carvalho Fiúza

escolaridade também são fatores explicativos da autopercepção das jovens entrevistadas sobre suas habilidades no manuseio de equipamentos tecnológicos, pois são determinantes para um contato precoce, maior experiência e usos mais variados das TICs, seguindo achados de pesquisas anteriores (VAN DIJK, 2012). Assim, apesar de a renda familiar do grupo não se situar nos patamares mais elevados, pois se concentra nas faixas entre 2 e 5 SM (51,8% das entrevistadas), o acesso ao nível superior de ensino é um fator explicativo das habilidades no manuseio dos equipamentos tecnológicos.

Nessa direção, a pesquisa também buscou medir a autopercepção dos entrevistados sobre as suas competências no uso das TICs, empregando sete itens em escala *Likert* que questionavam o grau de concordância dos jovens com afirmações sobre as suas capacidades em operações básicas com *hardwares* e *softwares*, variando entre 1 (discordo totalmente) e 5 (concordo totalmente). A confiabilidade foi medida através do *Alpha de Cronbach*, que foi igual a 0,722 para a escala que avalia as competências tecnológicas, estando acima do nível recomendado de 0,70 (FIELD, 2009). A percepção dos universitários sobre suas competências básicas para o uso das tecnologias, em geral, foi positiva, pois os percentuais daqueles que avaliaram as afirmações sobre suas capacidades na operação das TICs com “concordo” e “concordo totalmente” foram maiores que 80% em todos os itens. Entretanto, foram observadas diferenças de gênero na autopercepção sobre as competências tecnológicas, pois os estudantes declararam uma percepção mais favorável do que a manifestada pelas estudantes (gráfico 2).

Gráfico 2 – Autopercepção sobre às competências tecnológicas, conforme o gênero (%).



Fonte: Banco de dados da pesquisa, gráfico construído no *software* Excel (2019).



A posse e o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação entre jovens universitários: uma análise a partir da perspectiva de gênero

Joyce Keli do Nascimento Silva, Neide Maria de Almeida Pinto & Ana Louise de Carvalho Fiúza

Ao aplicar o teste estatístico *U de Mann-Whitney* constatou-se que as diferenças de percepção entre os estudantes de ambos os sexos eram, de fato, estatisticamente significativas ($p < 0,05$) no que diz respeito às competências relacionadas a um maior conhecimento técnico, como a configuração do computador e da TV, bem como de funcionalidades da *internet* referentes a configurações de privacidade e segurança. Tais diferenciações de percepção se coadunam àquelas presentes na sociedade, que qualificam o trabalho técnico como um domínio masculino (WAJCMAN, 2006). Essas representações sociais contribuem para a reprodução de estereótipos que atuam como barreiras limitadoras das experiências tecnológicas, mesmo entre os mais jovens.

A percepção diferenciada das mulheres sobre sua capacidade de avaliação de questões de privacidade e segurança na *internet* pode também estar relacionada a uma maior preocupação com a possibilidade de ocorrência de agressões no mundo virtual, pois elas têm mais chances do que os homens de sofrerem assédio *online*, conforme apontou o estudo do *Pew Research Center* (2017). Embora a violência de gênero na *internet* seja monitorada e combatida em outros países, ela ainda é pouco debatida no Brasil, que carece de dados oficiais relacionados à violência cibernética contra mulheres que possam subsidiar ações de prevenção e combate (CODING RIGHTS; INTERNETLAB, 2017). Ademais, Park (2015) pontua que as mulheres tendem a ser mais sensíveis ao estabelecer limites sobre questões de privacidade devido aos valores que lhes são inculcados na socialização.

Todavia, embora estudos tenham observado diferenças nas competências tecnológicas de homens e mulheres, Park (2015) destacou que as competências autodeclaradas podem diferir daquelas expressas no nível da prática. Assim, mesmo quando classificam suas competências em nível inferior ao dos homens, as mulheres podem apresentar competências técnicas equivalentes. Essa diferença entre autopercepção e prática também se associa às questões de gênero, pois, como pontua Santos (2019), a autopercepção positiva dos homens sobre as suas competências tecnológicas se relaciona a uma maior resistência em admitir a ausência de

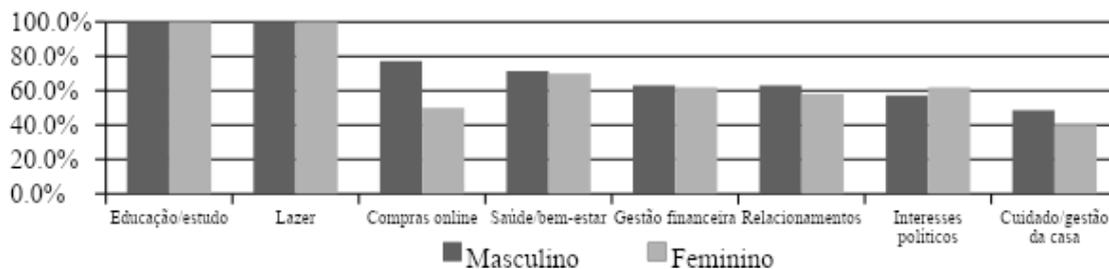


A posse e o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação entre jovens universitários: uma análise a partir da perspectiva de gênero

Joyce Keli do Nascimento Silva, Neide Maria de Almeida Pinto & Ana Louise de Carvalho Fiúza

conhecimento, enquanto a autopercepção negativa das mulheres se relaciona a uma tendência de subestimação dos próprios conhecimentos. Diante disso, os dados devem ser analisados com cautela, pois uma compreensão mais profunda e contextualizada dessa questão demandaria a aplicação de outros métodos de pesquisa capazes de testar as competências reais dos usuários, como em Van Deursen, Helsper & Eynon (2014) e Meri-Tuulia, Antero & Suvi-Saudetta (2017), uma vez que as diferenças de gênero nas habilidades em tecnologias podem ser específicas para cada competência testada. A presente pesquisa também levantou dados sobre as diferentes formas de uso do computador e do celular conectado à *internet* (gráfico 3).

Gráfico 3 – Uso do computador/celular conectado à internet, conforme o gênero (%).



Fonte: Banco de dados da pesquisa, gráfico construído no *software* Excel (2019).

Os resultados mostraram que a totalidade dos estudantes empregam as tecnologias para atividades de lazer e de educação, não havendo diferenças significativas entre os gêneros. O teste *Qui-quadrado de Pearson* mostrou que existia associação apenas entre a variável “gênero” e a “realização de compras *online*” ($p < 0,05$), indicando que a diferença entre os percentuais de homens (77,1%) e de mulheres (50%) entrevistados que fizeram compras pela *internet* foi estatisticamente significativa. Estes dados mostram-se compatíveis com os dados referentes ao maior poder aquisitivo dos estudantes, dentre os quais 31,4% tinham renda individual entre 1 e 3 SM, contra apenas 12% das mulheres com renda nessa faixa. Assim, esta diferença de renda pode se constituir em um fator limitador da aquisição de produtos *online* pelas estudantes.



A posse e o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação entre jovens universitários: uma análise a partir da perspectiva de gênero

Joyce Keli do Nascimento Silva, Neide Maria de Almeida Pinto & Ana Louise de Carvalho Fiúza

O teste *Qui-quadrado de Pearson* também mostrou que entre os estudantes pesquisados não existia associação entre a variável “gênero” e o uso das tecnologias ($p > 0,05$) para “cuidados com a saúde e o bem-estar”; assim como para “gestão financeira”; para “relacionamentos”; para “interesses políticos” e para “cuidados com a casa”. Estes dados revelam a inexistência de desigualdade de gênero nessas práticas, uma vez que as diferenças nos percentuais de mulheres e homens que utilizam o celular e o computador com acesso à *internet* para realizar essas atividades não são estatisticamente significativas.

Esta pesquisa, portanto, aponta para uma tendência de mudança nos padrões de comportamento no uso das TICs entre homens e mulheres “jovens”. Na população investigada as práticas relacionadas às TICs apontaram para uma convergência de gênero, contrariando estudos anteriores que apontavam que as mulheres eram mais propensas do que os homens a buscar por informações sobre saúde na *internet* (MORETTI; OLIVEIRA; SILVA, 2012); que a adesão a serviços de *internet banking* era maior entre os homens (PUSCHEL; MAZZON; HERNANDEZ, 2010); que os homens são mais propensos a utilizar sites e aplicativos de relacionamentos do que as mulheres (RAPPEYEYEA; TAYLOR; FANG, 2014); que os homens têm maior probabilidade de se expressar politicamente na *internet* (VOCHOVOVA; STETKA; MAZAK, 2016) e que as mulheres são mais propensas a pesquisar na *internet* informações relacionadas a tarefas domésticas, como a busca por receitas para o preparo de alimentos (MUNUSAMY; ISMAIL, 2009).

Todavia, essa tendência se relaciona principalmente à geração e à etapa da vida em que os entrevistados se encontram, pois o fato de serem jovens, solteiros, morando em repúblicas faz com que assumam a responsabilidade pelo desempenho de tarefas variadas no seu dia-a-dia. Entretanto, é no uso do computador e do celular conectado à *internet* para realização de tarefas relacionadas ao cuidado e à gestão da casa que se percebem os indícios de mudanças nos papéis tradicionais de gênero. A condição de estudante morando longe dos pais e responsáveis os leva a assumir atividades



A posse e o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação entre jovens universitários: uma análise a partir da perspectiva de gênero

Joyce Keli do Nascimento Silva, Neide Maria de Almeida Pinto & Ana Louise de Carvalho Fiúza

relacionadas ao espaço doméstico na *internet* (SCHOUTEN *et al.*, 2012), contrariando os papéis tradicionais de gênero. Entrementes, o uso mais instrumental da *internet* para essa finalidade, pode estar associado apenas a esta fase de suas vidas, não se constituindo uma mudança mais estrutural, o que poderá ser alvo de investigações futuras.

A igualdade de gênero no uso das TICs também se deve ao fato de que os produtos da chamada *cibercultura* são expressão e integram a cultura jovem (REIS; JESUS, 2014). Diante disso, trabalhos como o de Tondo & Silva (2016) argumentam que as vivências dos jovens estão permeadas pelas novas mídias, o que facilita o manuseio e a utilização de tais dispositivos em diversas práticas por ambos os sexos. Assim, os jovens da chamada “geração Z” desenvolvem múltiplas tarefas com naturalidade através de dispositivos tecnológicos variados, passam muito tempo *online* (GONDIM, 2018) e assumem a conectividade e a individualidade como valores (MIRANDA, 2015). Isso porque as suas experiências, práticas, valores, interesses e características psicológicas foram moldadas pelo condicionamento recíproco entre as tecnologias e a sociedade, entre ação e estrutura (SIMÕES, 2005).

Ademais, o fato de a diferença entre os percentuais de homens (68,9%) e mulheres (58%) que declararam utilizar as TICs para iniciar relacionamentos não ser estatisticamente significativa, aponta que entre os jovens existe uma tendência de superação das desigualdades entre os gêneros no exercício da liberdade sexual. Entre os jovens entrevistados, a *internet* surge como um espaço de interação mais igualitário e de equidade no comportamento sexual feminino. Sabemos, entretanto, que esta tendência pode estar particularmente associada ao grupo estudado: jovens universitários com idades entre 18 e 29 anos. Pois, os estudos de Beleli (2015) e Pelúcio (2017), por exemplo, cujo público estudado abrangeu usuários de aplicativos de namoro maiores de 30 anos, apontaram que os homens continuam a exercer maior liberdade sexual do que as mulheres, que seguem enfrentando retrocessos, lidando com resistências e julgamentos contra a liberdade sexual feminina na sociedade brasileira. A despeito



A posse e o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação entre jovens universitários: uma análise a partir da perspectiva de gênero

Joyce Keli do Nascimento Silva, Neide Maria de Almeida Pinto & Ana Louise de Carvalho Fiúza

disso, sabe-se que os usos das TICs para relacionamentos podem abarcar diferentes estilos e que ainda persistem comportamentos baseados em papéis sociais de gênero inclusive nas interações travadas no ambiente virtual (FIGUEIREDO, 2016).

Também merece destaque a equalização do uso da *internet* para interesses políticos entre os gêneros, o que reflete o crescimento do *ciberfeminismo* (COELHO, 2018). Nesse sentido, os resultados da pesquisa acompanham os achados de outros estudos que também não encontraram diferenças de gênero no uso da *internet* para interesses políticos, como em Gil de Zúñiga *et al.* (2014)⁹.

Considerações Finais

No contexto estudado, os resultados mostraram que existe uma tendência de universalização do acesso às TICs e que a divisão digital de gênero não afeta a posse da maioria dos equipamentos tecnológicos entre os inquiridos. Ademais, entre os jovens participantes da pesquisa observou-se uma tendência de substituição das tecnologias consideradas mais tradicionais, por aparelhos portáteis com acesso à *internet* que melhor se adaptam ao dinamismo e mobilidade da vida cotidiana, proporcionando a convergência de múltiplas funções e o acesso a mídias variadas, atendendo às diversas necessidades dos jovens entrevistados.

Embora os entrevistados tenham declarado possuir facilidade no uso das tecnologias, a análise da autopercepção negativa das mulheres sobre suas competências digitais nos permite apontar a manutenção de diferenças de gênero nas formas de socialização, nos papéis sociais, nos estereótipos e nos comportamentos associados ao “ser homem” e ao “ser mulher”, especialmente no que diz respeito ao conhecimento e ao

⁹ Embora não tenham emergido diferenças significativas de gênero no uso da *internet* para interesses políticos, Bode (2017) destaca que podem surgir diferenças na forma como se expressam os comportamentos políticos de homens e mulheres *online*. Nesse sentido, a autora observou em pesquisa com internautas norte-americanos, que, quando comparadas aos homens, as mulheres podem se envolver estrategicamente em comportamentos políticos nas redes sociais menos visíveis ou menos propensos a gerar ofensas ou conflitos. Assim, questões sobre a relação entre o gênero e as formas de participação política na *internet* merecem ser exploradas em pesquisas futuras.



A posse e o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação entre jovens universitários: uma análise a partir da perspectiva de gênero

Joyce Keli do Nascimento Silva, Neide Maria de Almeida Pinto & Ana Louise de Carvalho Fiúza

manuseio de tecnologias, frequentemente relacionados ao universo masculino. A manutenção dessas desigualdades faz com que, mesmo as mulheres jovens (“nativas digitais”), com nível educacional e socioeconômico elevados e grande experiência no uso das TICs, subestimem suas competências ao declará-las.

A análise dos tipos de uso das tecnologias conforme o gênero apontou que não existem diferenças estatisticamente significativas entre os entrevistados na realização da maioria das atividades pesquisadas, sendo que a maior igualdade entre homens e mulheres era esperada devido à geração dos inquiridos, pois cresceram em contato direto com tecnologias como a *internet*, naturalizando o seu emprego na realização de diferentes tarefas cotidianas, inclusive no espaço doméstico. Além disso, como estudantes, solteiros e residentes em moradias estudantis ou repúblicas, num contexto de construção da própria independência, eles se veem obrigados a assumir tarefas e responsabilidades, inclusive na gestão do espaço doméstico, no cuidado com a própria saúde e com a vida financeira. Este contexto aponta para uma tendência de transformação dos papéis sociais, estereótipos e comportamentos socioculturalmente esperados. O que, com o tempo, pode levar a uma maior equidade na divisão sexual do trabalho doméstico, no exercício da liberdade sexual e na participação política associados às TICs. Mas reconhecemos que certamente é possível que diferentes padrões possam surgir em amostras selecionadas a partir de parâmetros distintos e que permitam a comparação ao longo do tempo.

A existência de diferenças de gênero significativas quando considerado o uso do celular e do computador para a realização de compras *online*, revela que a desigualdade estrutural de renda entre homens e mulheres presente na sociedade brasileira surge como uma limitação ao uso das tecnologias entre as estudantes entrevistadas. A superação dessa situação requer amplas transformações tanto em arranjos microssociais (*e.g.* nas relações interpessoais), quanto macrossociais (*e.g.* na legislação, no mercado de trabalho e na divisão sexual do trabalho) que moldam as relações de gênero e que também são moldadas por elas (WRIGHT, 1994).



A posse e o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação entre jovens universitários: uma análise a partir da perspectiva de gênero

Joyce Keli do Nascimento Silva, Neide Maria de Almeida Pinto & Ana Louise de Carvalho Fiúza

Consideramos que o estudo contribui com subsídios para análises futuras sobre a relação entre o gênero e a posse/uso das tecnologias, na medida em que aponta para existência de mudanças em curso que indicam maior igualdade no acesso aos equipamentos e nas formas de apropriação entre homens e mulheres, ainda que persistam os efeitos dos estereótipos e dos papéis sociais de gênero na autopercepção das mulheres sobre suas competências digitais, bem como na genderização de algumas práticas. A pesquisa também aponta para a importância de se analisar a questão sob o prisma das gerações, em busca de mudanças ou permanências nas relações sociais de gênero expressas nos usos das tecnologias com o passar do tempo.

Os resultados aqui apresentados, todavia, poderão favorecer a avaliação e a melhoria da contribuição das instituições de ensino superior para o desenvolvimento de competências em TICs pelos estudantes e para a superação de possíveis desigualdades de gênero. Por outro lado, eles apontam para outras possibilidades de investigação, fornecendo um campo de estudos relevante e que tende a se ampliar sobre o *condicionamento recíproco entre sociedade e tecnologia* e a forma como este se manifesta sob a perspectiva de gênero.

Estudos futuros poderão incluir o levantamento de informações sobre a relação entre o gênero e outras práticas relacionadas às TICs que não foram aqui inseridas, bem como verificar os efeitos dessa variável em conexão com outras características individuais (como a raça/etnia, o estado civil, o tempo de experiência no uso dos equipamentos, a localização geográfica, etc.).

Referências

ALMENARA, Julio Cabero; CEJUDO, M. C. Llórente. Capacidades tecnológicas de las TICs por los estudiantes. **Enseñanza**, n. 24, 2006, p.159-175.

AZEVEDO, José; SEIXAS, Maria João. Questões de género na participação digital. **Revista Media & Jornalismo**, v.10, n. 2, 2011, p. 59-80.



A posse e o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação entre jovens universitários: uma análise a partir da perspectiva de gênero

Joyce Keli do Nascimento Silva, Neide Maria de Almeida Pinto & Ana Louise de Carvalho Fiúza

BAIN Connie D.; RICE, Margaret. The Influence of Gender on Attitudes, Perceptions, and Uses of Technology. **Journal of Research on Technology in Education**, v. 39, n. 2, 2006, p. 119-132.

BELELI, Iara. O imperativo das imagens: construção de afinidades nas mídias digitais. **Cadernos Pagu** n. 44, 2015, p. 91-114.

BODE, Leticia. Closing the gap: gender parity in political engagement on social media. **Information, Communication & Society**, v. 20, n. 4, 2017, p. 587-603.

BOLFARINE, Heleno; BUSSAB, Wilton O. **Elementos de Amostragem**. São Paulo: Edgar Blücher, 2005.

BORDAS-BELTRÁN, José-Luis; ARRAS-VOTA, Ana-María de Guadalupe. Perspectivas de los estudiantes mexicanos sobre competencias en TIC, definidas por género. **Revista Latina de Comunicación Social**, n. 73, 2018, p. 462-477.

BROSNAN, Mark J. **Technophobia: The Psychological Impact of Information Technology**. Routledge New York, NY, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

CODING RIGHTS; INTERNETLAB. **Online Gender-Based Violence: diagnosis, solutions and challenges**. Joint contribution from Brazil to the UN special rapporteur on violence against women, São Paulo, 2017.

COELHO, Ana Paula Pereira. **Do sujeito ao ciborgue: ciberfeminismo e teoria feminista para o século XXI: Narrativas de ativismo feminista em rede no Twitter**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Territorialidades), Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2018.

COSTA, Daiane. Com mais celulares e TVs conectados, acesso à internet já chega a 70% dos lares brasileiros. **O Globo - Economia**. Publicado em 26 de abril de 2018.

COUTINHO, Sabine M. S.; MENANDRO, Paulo. R. M. Representações sociais do ser mulher no contexto familiar: um estudo intergeracional. **Psicologia e Saber Social**, v. 4, n. 1, 2015, p. 52-71.

CHRISTOPH, Gabriela *et al.* Adolescents computer performance: The role of self-concept and motivational aspects. **Computers & Education**, n. 81, 2015, p. 1-12.



A posse e o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação entre jovens universitários: uma análise a partir da perspectiva de gênero

Joyce Keli do Nascimento Silva, Neide Maria de Almeida Pinto & Ana Louise de Carvalho Fiúza

DINIZ, Cládice N.; OLINTO, Gilda. O uso da tecnologia da informação entre universitários. **Anais do VII ENANCIB - Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, 2006.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D.; SIFUENTES, Lírian; BIANCHINI, Aline. Mulheres rurais e seus usos mediados das TICs: tensionamentos e permanências nas relações de gênero. **Intercom - RBCC**, v. 40, n. 1, 2017, p. 195-211.

FIELD, Andy. **Descobrimo a estatística usando o SPSS**. Dados eletrônicos. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FIGUEIREDO, Lígia Baruch. **Tinderelas**: busca amorosa por meio de aplicativos para smartphones. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-São Paulo, 2016.

GIL DE ZÚÑIGA, Homero, *et al.* Digital democracy: Reimagining pathways to political participation. **Journal of Information Technology & Politics**, v. 7, n. 1, 2014, p. 36-51.

GONDIM, Liberalina Santos de Souza. Adolescência e violência virtual: estudo de experiências com o cyberbullying. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Petrolina: Universidade Federal do Vale do São Francisco, 2018.

IBGE. **Estatísticas de Gênero**: indicadores sociais das mulheres no Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Estudos e Pesquisas, Informação Demográfica e Socioeconômica, n. 38, 2018a.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua**. Tecnologia da Comunicação e Informação (TIC), Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal, 2017. 2018b.

ITU. **Measuring the Information Society Report**. International Telecommunication Union, v. 1, 2018.

LEITE, Marcia de Paula; GUIMARÃES, Pilar Carvalho. Tudo muda, nada muda: as implicações do uso das tecnologias de informação sobre o trabalho das mulheres no setor eletroeletrônico. **Cadernos Pagu**, n. 44, 2015, p. 333-366.

MACIEL, Ariane Durce. Gênero e inclusão digital: uso e apropriação das TICs pelos usuários do programa federal GESAC. Tese (Doutorado em Ciência da Informação), Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, 2015.



A posse e o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação entre jovens universitários: uma análise a partir da perspectiva de gênero

Joyce Keli do Nascimento Silva, Neide Maria de Almeida Pinto & Ana Louise de Carvalho Fiúza

MERI-TUULIA, Kaarakainen; ANTERO, Kivinen; SUVI-SADETTA, Kaarakainen. Differences between the genders in ICT skills for Finnish upper comprehensive school students: Does gender matter? **Seminar. Net**, v. 13, n. 2, 2017.

MIRANDA, Giovane Vieira. Jovens e tecnologia: a consolidação de uma nova geração para a mudança dos meios tradicionais. **Comunicação & Mercado**, v. 04, n. 10, 2015, p. 43-55.

MORETTI, Felipe Azevedo; OLIVEIRA, Vanessa Elias de; SILVA, Edina Mariko Koga da. Acesso a informações de saúde na internet: uma questão de saúde pública? **Rev Assoc Med Bras**, v. 58, n. 6, 2012, p.650-658.

MUNUSAMY, Komathi; ISMAIL, Maimunah. Influence of gender role on internet usage pattern at home among academicians. **The Journal of International Social Research**, v. 2, n. 9, 2009.

NDUBISI, Nelson Oly. Effect of gender on customer loyalty: a relationship marketing approach. **Marketing Intelligence and Planning**, v. 24, n. 1, 2006, p.48-61.

OCDE, **Bridging the digital gender divide: include, upskill, innovate**. Organization for Economic Co-operation and Development, 2018.

PARK, Yong Jin. Do men and women differ in privacy? Gendered privacy and (in)equality in the Internet. **Computers in Human Behavior**, n. 50, 2015, p. 252-258.

PELÚCIO, Larissa. **Amor em tempos de aplicativos: masculinidades heterossexuais e as negociações de afetos na nova economia do desejo**. Tese (Livre Docência em Gênero, Sexualidade e Teorias Feministas), Universidade Estadual de São Paulo - UNESP, 2017.

PEW RESEARCH CENTER. [*Online Harassment 2017*](#), July, 2017.

POMPEU, Bruno; SATO, Silvio Koiti. Juventude, tecnologia e inovação: uma construção mítica na contemporaneidade. **Revista Mídia e Cotidiano**, v. 11, n. 3, 2017, p.41-56.

PUSCHEL, Júlio; MAZZON, José Afonso; HERNANDEZ, José Mauro C. Mobile Banking: Proposition of Integrated Adoption Intention Framework. **International Journal of Bank Marketing**, n. 28, 2010, p.389-409.

RAPPLEYEA, Damon L.; TAYLOR, Alan C.; FANG, Xiangming. Gender Differences and Communication Technology Use Among Emerging Adults in the Initiation of Dating Relationships. **Marriage & Family Review**, v. 50, n. 3, 2014, p. 269-284.



A posse e o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação entre jovens universitários: uma análise a partir da perspectiva de gênero

Joyce Keli do Nascimento Silva, Neide Maria de Almeida Pinto & Ana Louise de Carvalho Fiúza

REIS, Juliana B.; JESUS, Rodrigo E. Caderno 4. Culturas juvenis e tecnologias. *In*: CORREA, M. Z.; ALVES, C. L. M. (Org.) **Coleção Cadernos temáticos: juventude brasileira e Ensino Médio**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

ROBERTO, Magda S.; FIDALGO, António; BUCKINGHAM, David. **De que falamos quando falamos de infoexclusão e literacia digital?** Perspectivas dos nativos digitais. Lisboa, v. 9, 2015.

SANTOS, Nácia Bernuci dos. Diferenças de gênero na apropriação das Tecnologias de Informação e Comunicação: um olhar a partir do ambiente do Ensino Médio do Colégio Pedro II. Tese (Doutorado em Ciência da Informação), Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, 2019.

SCHOUTEN, Maria Johanna, *et al.* **Tempo e Tecnologia. Uma abordagem de gênero para o contexto português**. Relatório Técnico, Covilhã, 2012.

SILVER, Laura. Smartphone Ownership Is Growing Rapidly Around the World, but Not Always Equally. In emerging economies, technology use still much more common among young people and the well-educated. [Pew Research Center - Global Attitudes & Trends](#), february 5, 2019.

SIMÕES, Maria João. **Política e Tecnologia**. Tecnologias da Informação e da Comunicação e participação política em Portugal, Oeiras, Celta, 2005.

SIMÕES, Maria João; LAS HERAS, Soledad; AUGUSTO, Amélia. Género e tecnologias da informação e da comunicação no espaço doméstico: não chega ter, é preciso saber, querer e poder usar. **Configurações**, n. 8, 2011, p.155-172.

SOUZA, Ludimilla. Mais de 60% dos jovens usam celular para pagamentos, indica pesquisa. [Agência Brasil](#), Brasília, 2019.

TEIXEIRA, Marilane Oliveira. Desigualdades salariais entre homens e mulheres a partir de uma abordagem de economistas feministas. **Gênero**, v. 9, n. 1, 2008, p. 31-45.

TONDO, Romulo; SILVA, Sandra Rúbia. Smartphones e pobreza digital: o consumo de telefones celulares e internet entre jovens de uma comunidade popular. **Universitas: Arquitetura e Comunicação Social**, v. 13, n. 1, 2016, p. 49-62.



A posse e o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação entre jovens universitários: uma análise a partir da perspectiva de gênero

Joyce Keli do Nascimento Silva, Neide Maria de Almeida Pinto & Ana Louise de Carvalho Fiúza

UNCTAD. **Information Economy Report 2017: Digitalization, Trade and Development.** United Nations Conference on Trade and Development. Sales No. E.17.II.D.8, 23 October 2017.

VAN DEURSEN, Alexander J.A.M., HELSPER, Ellen J.; EYNON, Rebecca. [Measuring Digital Skills](#). From Digital Skills to Tangible Outcomes project report. 2014.

VAN DIJK, Jan. The Evolution of the Digital Divide. The Digital Divide turns to Inequality of Skills and Usage. *In: BUS, J. et al. (Eds.) Digital Enlightenment Yearbook*, IOS Press, 2012, p. 57-75.

VOCHOVOVA, L., STETKA, V., MAZAK, J. Good girls don't comment on politics? Gendered character of online political participation in the Czech Republic. **Information, Communication, & Society**, v. 19, n. 10, 2016, p. 1321-1339.

WAJCMAN, Judy. **El tecnofeminismo**. Madrid: Cátedra, 2006.

WALSH, Gianfranco; MITCHELL, Vincent-Wayne. Demographic characteristics of consumers who find it difficult to decide. **Marketing Intelligence & Planning**, v. 23, n. 3, 2005, p.281-295.

WRIGHT, Erik Olin. **Interrogating Inequality: Essays on Class Analysis, Socialism and Marxism**. London, Verso, 1994.